

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África

Tiago da Silva Melo

PRATA PRETA E O PROTAGONISMO NEGRO NO PÓS- ABOLIÇÃO

Rio de Janeiro
2022



Tiago da Silva Melo

PRATA PRETA E O PROTAGONISMO NEGRO NO PÓS-ABOLIÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em ensino de história da África.

Orientador Professor Luciano de Moura
Guimarães.

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

M582 Melo, Tiago da Silva
Prata preta e o protagonismo negro no pós-abolição / Tiago da Silva
Melo. — Rio de Janeiro, 2022.

26 f.

Artigo científico apresentado como trabalho de Conclusão de Curso
(Especialização em Ensino de História da África) – Colégio Pedro II,
Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Luciano de Moura Guimarães.

1. História da África – Estudo e ensino. 2. Brasil - História - Revolta
da Vacina Obrigatória, 1904. 3. Saúde (Rio de Janeiro, RJ). I.
Guimarães, Luciano de Moura. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 960

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Tiago da Silva Melo

PRATA PRETA E O PROTAGONISMO NEGRO NO PÓS-ABOLIÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo científico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História da África, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em ensino de história da África.

Aprovado em: ____ / ____ / ____.

Banca Examinadora:

Titulação e nome do orientador (Orientador)
Instituição a que pertence

Titulação e nome do segundo membro da banca
Instituição a que pertence

Titulação e nome do terceiro membro da banca
Instituição a que pertence

Rio de Janeiro
2022

PRATA PRETA E O PROTAGONISMO NEGRO NO PÓS-ABOLIÇÃO

Tiago da Silva Melo

Resumo: Este artigo se dedica a realizar uma investigação sobre a figura de Prata Preta; personagem que atuou no bairro da Saúde, no Rio de Janeiro, durante o conflito conhecido como Revolta da Vacina, em novembro de 1904. Para isso, buscamos explicar um pouco o contexto da revolta. Para realizar este objetivo contamos com a historiografia acadêmica sobre o tema e alguns jornais que retrataram os eventos do período. Ao final do artigo foi proposta uma intervenção pedagógica com a finalidade de se abordar o personagem Prata Preta em sala de aula.

Palavras-chave: Revolta da Vacina. Prata Preta. Rio de Janeiro. 1904.

Introdução

Este artigo se dedica, em sua primeira parte, a contar uma breve história da Revolta da Vacina; em segundo momento, gostaria de abordar a figura de Prata Preta, um homem negro de nome Horácio José da Silva e que participou dos acontecimentos da Revolta da Vacina em novembro de 1904 na cidade do Rio de Janeiro. Este personagem atuou principalmente no bairro da Saúde, região portuária da cidade, como veremos. Para alcançar esses objetivos me utilizei de uma bibliografia acadêmica que trata sobre a Revolta da Vacina, assim como de fontes primárias, sobretudo os jornais do período estudado¹.

Buscamos aqui responder algumas questões sobre quem foi Prata Preta, assim como seu envolvimento nos conflitos de novembro de 1904. Qual era sua profissão? Como a historiografia representou este personagem? Os jornais do período deram atenção a essa liderança do bairro da Saúde? Como esse jornais viram esse homem negro? Prata Preta era um cidadão? Essas são algumas perguntas que procuramos responder neste artigo.

Sobre a investigação que foi desenvolvida neste artigo devem ser mencionadas, logo de início, as dificuldades de encontrarmos informações sobre Prata Preta. Não sabemos se ele era casado, se tinha filhos, se realmente morava no bairro da Saúde, se já teve passagem pela polícia, se era original do Rio de Janeiro, ou mesmo o que aconteceu com ele após os acontecimentos de novembro de 1904. Há muitas lacunas para serem preenchidas. Infelizmente, por falta de informações não conseguiremos responder todas essas questões.

Contudo, o leitor terá a oportunidade, se assim o desejar, de acompanhar através da leitura deste artigo o que é possível saber sobre este personagem misterioso que foi Prata Preta. Homem, mito ou lenda urbana? Não sabemos com certeza, mas isto não nos impediu de desenvolvermos esta pesquisa.

Revolta da Vacina

A Revolta da Vacina foi um movimento popular no qual muitas pessoas tomaram parte nos protestos; a polícia da cidade do Rio de Janeiro não foi capaz de conter sozinha a ação dos revoltosos, teve que contar com a ajuda externa de forças do Exército e da Marinha, chamadas para conter a população, que se revoltou. Há relatos de delegacias que foram tomadas pelos revoltosos e conseqüentemente suas armas. A cidade, que já passava por uma série de modificações de cunho urbano e sanitário, acabou por vivenciar uma revolta que a paralisou por mais de uma semana. Mas como tudo começou?

¹ Há dois periódicos que se destacaram nessa pesquisa: *O Rio Nu* e *O Malho*.

Não existe resposta simples ou definitiva para a pergunta que se coloca. Para efeitos de explicação optei por trabalhar com a Revolta da Vacina levando em consideração alguns desdobramentos iniciais como, por exemplo, a divulgação do regulamento que aprovava o uso da vacina contra a varíola de forma obrigatória. Contudo, penso ser pertinente uma breve explanação do contexto das doenças, que de tempos em tempos visitavam a cidade carioca, algumas delas aparentemente com moradia fixa.

A revolta aconteceu em um período no qual a cidade, que era capital federal do Brasil, passava por uma série de modificações. Havia a recém mudança de sistema político. O Brasil deixara de ser uma Monarquia para se tornar uma República em 1889. Também podemos entender como outra mudança significativa a abolição da escravidão no país no ano anterior (1888). Contudo, nos interessa aqui o seguinte dado: assim como antes, durante e depois dessas modificações, a cidade passava periodicamente por uma série de epidemias. Havia a tuberculose, a febre amarela, a peste bubônica, a varíola, entre outras. Por essa última doença, neste trabalho, nutrimos demasiado interesse. Devo acrescentar aqui que a vacina contra a varíola foi um método escolhido por dirigentes políticos da cidade e do país, talvez o maior representante deles seria Oswaldo Cruz. Contudo, havia outro método que se usava para combater a varíola: a técnica de variolização. Chalhoub abordou o tema no livro *Cidade Febril* (1996).

Uma questão muito relevante para entendermos a Revolta da Vacina se trata de procurarmos perceber que naquele ano de 1904 o poder público pretendia aplicar a vacina contra a varíola de forma obrigatória². Contudo, como já foi afirmado a varíola era mais uma das doenças que assolava a cidade carioca, cada uma dessas doenças tinham formas específicas de tratamento³.

Sendo assim, foi neste contexto de reforma urbana e sanitária que a Revolta da Vacina acabou por acontecer. Penso ser útil imaginarmos uma população que estava, no curso de anos, tendo suas casas destruídas por conta das obras de reestruturação. Como sabemos, para muitos, perder a moradia significava perder seu meio de sustento, ou pelo menos estar

² Contudo, não era a primeira vez que o poder público tentava algo do tipo, na verdade desde o Império essas iniciativas existiram. Porém, ao que parece, foi somente naquele ano de 1904 que a obrigatoriedade vinha sendo cumprida, mesmo antes do regulamento vazado no dia 9/10 de novembro.

³ Nem sempre os médicos tinham certeza de qual tratamento utilizar. Sobre a varíola não havia consenso dentro da comunidade médica durante o período abordado.

em uma situação onde a dificuldade de manter o emprego seria muitas vezes aumentada, pois aquele trabalhador não mais residiria perto do seu local de trabalho.⁴

Infere-se então que a população mais pobre que habitava os recintos mais rudimentares do centro da cidade foi largamente afetada. Observamos, assim, um contexto em que, pelo menos parte da população carioca vivia uma situação de ver o poder público invadir suas casas para destruí-las⁵ ou para aplicar vacina de forma obrigatória. Consideremos que a população desconhecia ou conhecia muito mal como a vacina contra a varíola funcionava. Mesmo um homem culto como Rui Barbosa não sabia exatamente como a vacina funcionava (Sevcenko, 2018, p. 21).

Sobre destruição de casas da população mais pobre durante os primeiros anos da República brasileira na cidade do Rio de Janeiro considero o caso mais expressivo o ocorrido com o cortiço Cabeça de Porco no ano de 1893. Não sabemos com exatidão quantas pessoas foram desalojadas mas o historiador Sidney Chalhoub fala em “mais de uma centena de casinhas.” (Chalhoub, 1996, p. 17).

Ainda que o poder público fizesse tentativas periódicas de implantar a vacinação obrigatória contra a varíola desde o Império⁶ o resultado antes de novembro de 1904 era sempre o mesmo: a vacinação não “colava”. Contudo, devemos lembrar que mesmo quando a vacina não era obrigatória muitas pessoas se vacinavam. Sevcenko nos informa que em julho de 1904 mais de 23 mil pessoas procuraram os postos de saúde com a finalidade de se vacinarem (Sevcenko, 2018, p. 22). Em 1904, como podemos inferir a partir dos dados apresentados, após o governo começar a divulgar a sua intenção de implantar a vacina de forma obrigatória o número de vacinações voluntárias declinou.

Podemos afirmar, por tudo que foi exposto aqui, que os dirigentes da cidade carioca queriam uma cidade moderna e “civilizada”, ao estilo de Paris; assim como desejavam uma população vacinada e livre das epidemias, neste caso a de varíola é a que mais nos interessa. Porém, ao que tudo indica, o governo não levou em consideração a vontade ou tradições da população carioca. Ao demolir diversas casas o governo não providenciou, em geral, novas

⁴ Sobre a necessidade de se estar perto do trabalho podemos citar como referência a dissertação de Erika Arantes. O porto negro: cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do séc. XX (2005).

⁵ Sobre a destruição do cortiço Cabeça de Porco ver *Cidade Febril* de Chalhoub. P. 17- 23.

⁶ Um dos mais completos estudos sobre o surgimento da vacina contra a varíola, desde o Império até o começo da República brasileira será encontrado no livro de Tania Maria Fernandes: *Vacina Antivariólica: ciência, técnica e o poder dos homens 1808-1920*, 1999.

moradias para essa população; do dia para a noite diversas famílias se viram na necessidade de aumentarem o contingente das favelas cariocas.

É importante indicar que o presidente eleito em 1902, Rodrigues Alves, teve papel relevante nesta história. Alves queria realizar obras no porto do Rio de Janeiro assim como alargamento de ruas e avenidas. Essas “promessas” já estavam presentes em sua campanha presidencial, contudo foi em novembro de 1904 que o maior conflito de seu governo aconteceu, a Revolta da Vacina.

O presidente Alves após sua posse, escolheu duas pessoas para ocuparem cargos estratégicos em seu governo: Pereira Passos e Oswaldo Cruz. Seria muito difícil escrever uma história da Revolta da Vacina sem trazer para a narrativa esses dois personagens. Passos era engenheiro e foi escolhido para ser o prefeito da cidade do Rio de Janeiro (Capital federal da República). Oswaldo Cruz era médico sanitarista e foi escolhido para ser diretor de Saúde Pública. Ou seja, o primeiro era responsável por obras urbanas importantes enquanto o segundo cuidaria da questão sanitária.

Por questões de concisão, gostaria de dar enfoque maior a questão sanitária através da análise da atuação de Oswaldo Cruz durante aquele período. Foi este personagem, responsável, talvez em grande parte, pela forma como se efetivou a tentativa de implantação da vacinação obrigatória. Após uma cópia do regulamento ter vazado, em novembro de 1904 na imprensa, revelando o caráter arbitrário da campanha governamental, atos contrários à imunização compulsória se materializaram nas ruas da parte central da cidade, nas quais se verificaram violência física e conflitos entre a população carioca e as forças de repressão da máquina do Estado, naquele momento a polícia e somente ela atuava para reprimir os revoltosos.

Ainda sobre o regulamento, no dia 9 de novembro aconteceu uma reunião onde estavam presentes Oswaldo Cruz assim como o ministro da Justiça e Negócios Interiores, J.J Seabra, além de outros médicos e autoridades. Foi a partir desta reunião que o regulamento de vacinação obrigatória foi vazado e publicado. Contudo, aparentemente o regulamento que vazou não seria uma versão final do documento, ainda assim nada disso impediu a população carioca de se revoltar e ocupar diversas ruas e bairros da cidade. Já no dia 10 de novembro temos os primeiros confrontos violentos entre revoltosos e as forças de repressão do Estado.

Se a dupla reforma, urbana e sanitária, teve um peso muito grande para explicarmos e entendermos as causas da Revolta da Vacina, penso ser sensato darmos significativa importância a outros dois fatores. O primeiro deles: os jornais cariocas. Em uma época onde ainda não existia nem sequer rádio no Brasil esses periódicos foram uma das principais

formas de informação da população. Era por aquele meio que, por exemplo, as reuniões contra a vacinação obrigatória eram convocadas, assim como o chefe de polícia fazia publicar suas diretrizes para a população. Por outro lado, temos o outro fator: a Liga Contra a Vacina Obrigatória. A Liga reunia políticos de oposição ao governo e, segundo relatos de jornais, suas reuniões podiam somar milhares de pessoas. Esse dado demonstra a incrível habilidade da Liga em reunir uma população que não deveria estar satisfeita com o que andava por acontecer na cidade, muito menos com os rumos da recém-inaugurada República.

Através de artigo, Petrônio Domingues nos lembra que nos primeiros anos da República no Brasil poderia existir uma população de homens e mulheres negros constantemente descontentes com o recém inaugurado regime. Isto se daria, possivelmente, pelo fato dessa parcela da população carioca entender o novo regime como uma espécie de ameaça a sua recém conquistada liberdade. Ou seja, é possível que a República fosse vista por essa população negra com grande desconfiança. Pois a existência dessa nova forma de governo poderia significar uma ameaça a sua liberdade e uma volta ao cativeiro. Por outro lado, Domingues também nos lembra que havia junto à população negra quem considerasse a República como a “melhor alternativa” (Domingues, 2014, p. 261).

Dessa maneira, podemos agora abordar, de forma resumida, o conflito social que aconteceu em novembro de 1904. É válido asseverar que entendo os acontecimentos que tiveram lugar durante a Revolta da Vacina divididos em duas partes. Houve a revolta popular, esta reuniu milhares de pessoas: homens, mulheres, brancos, negros, nacionais, estrangeiros, jovens, idosos, etc. Essa população foi para as ruas protestar, invadir delegacias, levantar trincheiras, trocar tiro com a polícia, lançar pedras, etc. Por outro lado existiu, ao mesmo tempo, a revolta militar com tentativa de tomar o poder; tentativa fracassada. O que mais interessa aqui é a revolta popular, na qual emergiu a emblemática figura de Prata Preta.

Como já foi explanado, o conflito popular começou logo após a publicação nos jornais do projeto de regulamentação da vacinação obrigatória. Porém, é importante ressaltar que a população não começou “quebrando tudo”, inicialmente os revoltosos se reuniram em lugares estratégicos, tanto no âmbito da Liga contra a Vacina Obrigatória quanto por iniciativa espontânea. Mas apesar disto, nada impediu que os conflitos físicos se iniciassem no próprio dia 10 de novembro de 1904. Nos dias seguintes, houve mais enfrentamentos entre a população revoltosa e as forças de repressão do Estado. No dia 13 de novembro, ao que tudo indica, o conflito social se alastrou para outras regiões da cidade, segmentos da população carioca até tentaram tomar delegacias de polícia, ação que algumas vezes obteve êxito. No dia 16, o governo resolve tomar medidas mais enérgicas e decreta estado de sítio. Sobre o estado

de sítio, esta era um ferramenta prevista na constituição de 1891. Cabe aqui uma explanação de uma informação interessante. O artigo 80 da referida Constituição estipulava “o desterro para outros sítios do território nacional.”

Prata Preta e Porto Arthur

Nesta segunda parte, tento demonstrar como a figura de Prata Preta foi retratada na historiografia acadêmica, também nos utilizaremos dos jornais de época como fonte primária a fim de descobrirmos como este homem negro de nome Horácio José da Silva foi representado por seus contemporâneos. Contudo, penso ser apropriado levarmos em consideração alguns dados relevantes. Em primeiro lugar, precisamos ter a consciência que sabemos muito pouco sobre Prata Preta. Personagem nebuloso, e apesar de seu papel central na conjuntura do bairro da Saúde foi pouco discutido na historiografia sobre a Revolta da Vacina. Ele era um homem negro de nome Horácio José da Silva, provavelmente de uns 30 anos, que atuou no bairro da Saúde durante a Revolta da Vacina e foi, em algum momento durante os protestos, preso pela polícia carioca. O jornal *A Notícia* nos informa:

Prata Preta é um homem de 30 anos presumíveis, alto, de compleição robusta, completamente imberbe. A sua fama de homem valente e rixento não foi desmentida, pois elle era visto nos pontos mais perigosos das trincheiras e barricadas, atirando de carabina contra forças atacantes. Sendo impossivel prendel-o no reducto, a polícia preparou-lhe uma emboscada, ficando uma turma de agentes encarregada especialmente de sua prisão. Hoje, as 9 1/2 horas, Prata Preta retirou-se das trincheiras para ir almoçar em uma casa de pasto, quando os agentes Guerra, Theodoro Horta e outros atiraram-se contra elle pretendendo prende-lo. Prata Preta, que tinha um revolver em cada mão, ofereceu tenaz resistência, ferido gravemente duas praças de policia que correram em socorro dos agentes. Prata Preta foi apresentado ao Sr. Dr. chefe de polícia, que o mandou recolher sosinho a um dos xadrezes da Central. Elle apresenta muitas contusões de espada. Na repartição central de Policia Prata Preta seria fatalmente lynchado pelas praças si não fora a intervenção pessoal do Sr. Dr. Chefe de policia e delegados auxiliares. Assim mesmo o ousado Prata Preta não cessava de protestar veementemente e em imoderada linguagem contra seus detentores, promettendo tirar deles uma desforra na primeira oportunidade. Ao que parece, Prata Preta era considerado o general Stoessel de Porto Arthur, da Saude (*A Notícia* 16 e 17 de novembro de 1904, nº 271, p.2).

Essas são algumas das informações mais básicas que possuímos sobre este personagem, contudo devo ressaltar aqui que não são necessariamente verdadeiras. Em livro de Leonardo Pereira é apresentada a possibilidade de a figura de Prata Preta nunca ter sequer

existido. Ou seja, apenas um personagem inventado pelos contemporâneos da Revolta da Vacina. A verdade é que neste trabalho estamos muito longe de conseguir precisar se a figura de Prata Preta realmente existiu ou não. A partir de pesquisa bibliográfica, constatei que existe na historiografia brasileira pelo menos cinco estudos que mencionaram Prata Preta, porém apenas em Leonardo Pereira a possibilidade deste personagem ser um mito é levantada (Pereira, 2002, p. 83-84).

Abordaremos agora, portanto, as cinco obras que mencionam Prata Preta com a finalidade de descobrirmos mais sobre esse personagem. Neste caso, abordaremos primeiro o livro de Nicolau Sevcenko, *A Revolta da Vacina, Mente insanas em corpos rebeldes*, a primeira publicação do referido livro data de 1984. Existe na obra em questão duas menções a figura de Prata Preta. A primeira delas se trata de reportagem de jornal, nesse caso o periódico trata Prata Preta como líder ou se usarmos a palavra de quem escreveu: “chefe de sedição no bairro”. Em segundo momento temos uma charge que traz uma representação de Prata Preta: o personagem usa duas armas de fogo. Junto com a imagem Sevcenko apresenta uma legenda.⁷

⁷ “Charge da época retrata Horácio José da Silva, o Prata Preta, um dos líderes da resistência popular no morro da Saúde. Estivador e jogador de capoeira, atividade então proibida por lei, ele lutou até os últimos dias da Revolta da Vacina e, segundo a imprensa da época, foram necessários cinco homens da polícia e do exército para prendê-lo. Não se sabe que destino teve.” (Sevcenko, 2018, p. 51).

Imagem 1 – Representação de Prata Preta pela revista O Malho



Fonte: Sevckenko, Nicolau. *A Revolta da Vacina*. São Paulo: Editora Unesp, 2018, p. 51.

A legenda que acompanha a imagem em questão é sobretudo útil pois temos algumas informações outras sobre Horácio da Silva. Segundo a legenda o personagem seria estivador e praticante da capoeira, outra informação interessante se trata de sua prisão, o ato é retratado como custoso, pois foram necessários cinco homens para prendê-lo (Sevckenko, 2018, p. 51). Sobre Prata Preta ser praticante da capoeira, encontrei esta informação apenas em Sevckenko, o mesmo se deu com a profissão de estivador. O livro de Sevckenko, de modo geral, carece da explicitação das fontes utilizadas, esse aspecto dificulta em muito a tarefa do pesquisador, assim como a recuperação de informações. Pois não sabemos a partir de quais documentos ou referências o autor em questão se utilizou para fazer tais afirmações. A ausência de menção

por parte dos outros historiadores sobre profissão ou prática de capoeira de Prata Preta dificulta a tomada dessas afirmações como verdadeiras.

Outro historiador que se dedicou ao tema foi José Murilo de Carvalho. Este escreveu importante obra, cujo título é: *Os Bestializados, o Rio de Janeiro e República que Não Foi* (1987). Mais uma vez, não existe muita informação sobre nosso personagem em análise, contudo, para Carvalho, Prata Preta era: “o mais temido chefe das barricadas...” (Carvalho, 1987, p. 110). Não obstante, Carvalho também abordou o momento da prisão de Horácio. Desta vez temos alguns detalhes do episódio. Nele, Prata Preta chega a matar um soldado do exército e ferir dois policiais (Carvalho, 1987, p. 111). Outro dado interessante trazido por Carvalho se trata das armas de Prata Preta, estas sendo dois revólveres, navalha e faca.

A figura de Prata Preta aparece, ainda, na obra *Revolta da Vacina*, de José Carlos Meihy e Claudio Bertolli Filho, publicado em 2001. Aqui encontramos pouca informação sobre Horácio, basicamente é mencionado que ele era “O chefe da revolta na Saúde...” (Meihy e Bertolli Filho, 2001, p. 36).

Outro estudioso que também abordou o personagem Prata Preta foi Marco Pamplona, no livro *Revoltas, repúblicas e cidadania: Nova York e Rio de Janeiro na consolidação da ordem republicana*. O livro, data de 2003⁸, apresenta, mais uma vez, uma breve menção a Horácio, além das mesmas informações que já estavam presentes em Carvalho e Sevcenko: sua prisão e sua liderança nas barricadas da Saúde.

Gostaria agora de voltar ao livro de Leonardo Pereira: *As barricadas da Saúde, Vacina e protesto popular no Rio de Janeiro da Primeira República*⁹, publicado em 2002. Este autor se dedicou a estudar os acontecimentos no bairro da Saúde durante a Revolta da Vacina em novembro de 1904. Como sabemos nosso personagem, Prata Preta, atuou ali durante os dias de revolta. Aqui mais uma vez fica evidente a pouca quantidade de informações que possuímos sobre esse personagem; Leonardo Pereira se apoia nos relatos dos jornais para comentar sobre a prisão de Horácio da Silva. Contudo, o autor coloca nosso personagem em um contexto maior, o do Porto Arthur. Por esta razão gostaria de levantar mais uma vez o argumento/possibilidade de Prata Preta ser apenas uma criação imaginária.

Durante os acontecimentos da Revolta da Vacina no bairro da Saúde, diversos jornais cariocas passaram a se referir ao bairro em questão como Porto Arthur; existem relatos que

⁸ Segundo Pamplona o seu livro foi resultado de pesquisa de doutorado, defendida em dezembro de 1990 (Pamplona, 2003, p. 07)

⁹ Considero este livro a maior fonte de referência sobre os desdobramentos da Revolta da Vacina no bairro da Saúde.

dão conta até mesmo da existência de uma bandeira com o referido nome escrito. A referência a Porto Arthur, se pudermos resumi-la, se refere a um conflito entre Rússia e Japão que ocorreu no mesmo período da Revolta da Vacina.

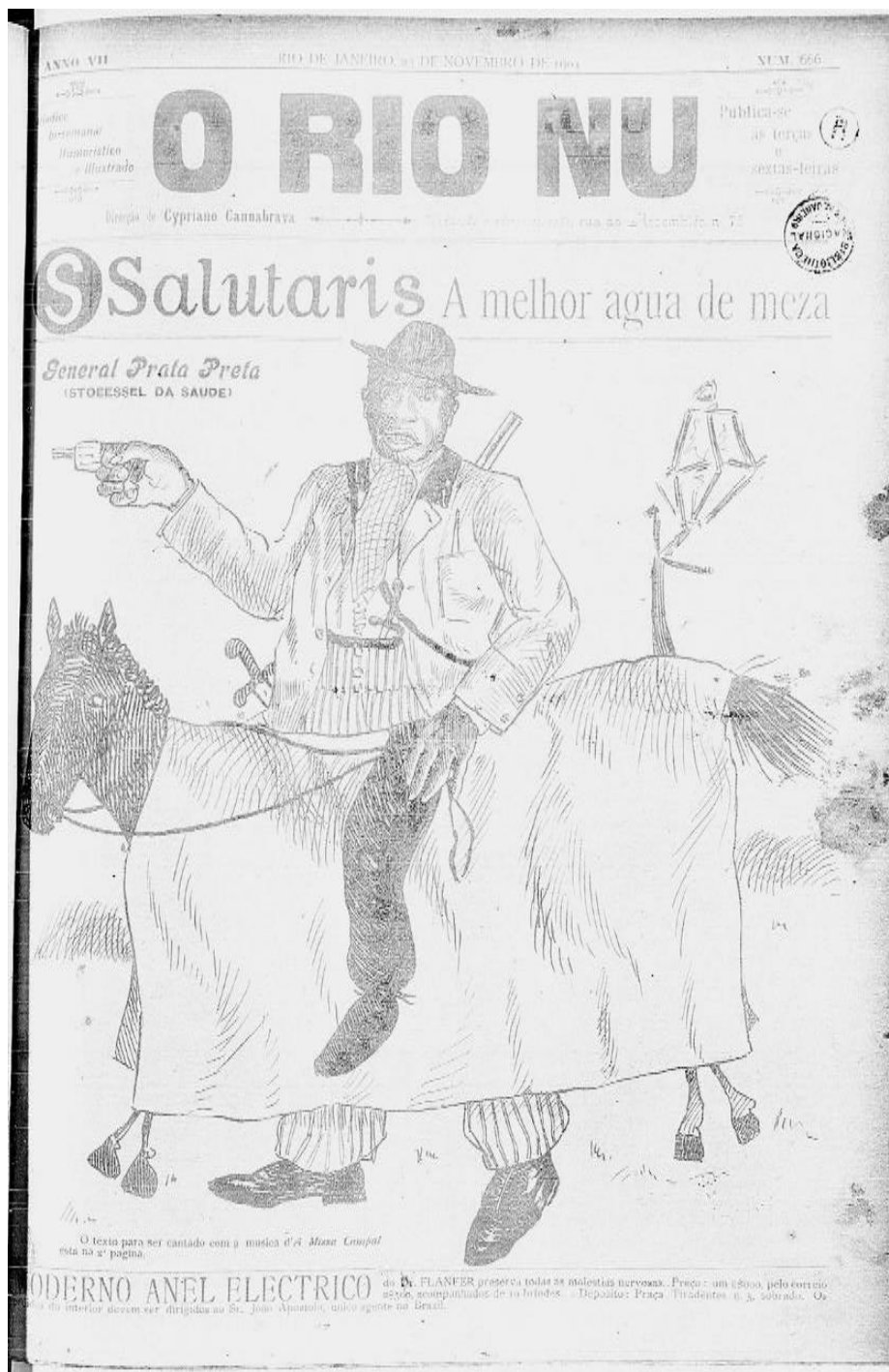
Embora encontremos poucas informações sobre nosso personagem quase mitológico nos jornais, é válido fazer aqui alguns apontamentos sobre como alguns periódicos do período retrataram a imagem de Prata Preta. Após pesquisa no site Hemeroteca Digital Brasileira da Biblioteca Nacional¹⁰ encontramos dois jornais que retrataram algum tipo de imagem de Horácio.

Temos a primeira referência imagética a Prata Preta na capa do jornal *O Rio Nu*¹¹. O exemplar em questão data do dia 23 de novembro de 1904, edição 666. Tanto a imagem quanto a capa trazem algumas informações úteis que nos ajudam a entender melhor o contexto deste personagem tão importante dentro dos acontecimentos da Revolta da Vacina, mas ao mesmo tempo tão misterioso por conta da falta de informações que o pesquisador se depara. A imagem em questão traz uma representação de Prata Preta fortemente armado, podemos contar duas facas, um revólver e em suas costas possivelmente uma escopeta ou carabina. Nosso personagem é retratado de terno e chapéu. Ao lado da imagem está escrito: “General Prata Preta”, em baixo o texto segue: “(Stoeessel da Saude)”.

¹⁰ <http://bndigital.bn.gov.br/>

¹¹ Após pesquisa intensa a partir de bibliografia sobre o assunto da Revolta da Vacina cheguei a conclusão que é possível que esta imagem esteja sendo usada pela primeira vez em um trabalho acadêmico.

Imagem 2 – representação de Prata Preta no jornal O Rio Nu

Fonte: jornal *O Rio Nu* de 23 de novembro de 1904.

A opção por comparar Prata Preta a um general, principalmente um general que atuou durante a guerra russo-japonesa pode ser reveladora. Se observarmos os diversos jornais do período perceberemos que os acontecimentos dessa guerra em questão foram amplamente divulgados nos periódicos cariocas. Leonardo Pereira escreveu: “Era ampla a cobertura dada pela imprensa carioca ao desenrolar da guerra russo-japonesa, iniciada naquele ano. Os

telegramas internacionais e notícias reproduzidas pelos grandes jornais da cidade ressaltavam histórias de heroísmo como a de Porto Arthur.” (Pereira, 2002, p. 74).

Outro periódico que se arriscou a fazer uma representação de Prata Preta foi a Revista *O Malho*, edição 115. Em 26 de novembro de 1904 a revista publicou uma imagem que representaria Prata Preta, nela temos um Horácio José da Silva um pouco diferente do apresentada no *O Rio Nu*. Desta vez Prata Preta aparece com barba e bigode. Contudo, novamente ele está armado, aqui ele segura dois revólveres, um em cada mão. Novamente, junto com a imagem percebemos uma referência a Porto Arthur. Talvez o que mais chame a atenção seja que nosso personagem aparece, em meio a destroços¹². Sua figura parece quase flutuar no alto de algo que poderia ser um poste ou barra de ferro. O objeto em questão parece quase penetrar Prata Preta¹³.

A partir da leitura de Pereira fica claro que os revoltosos do bairro da Saúde se utilizaram de mecanismos para se defenderem, os quais nem sempre eram exatamente a luta direta e violenta. Contudo não quero que o leitor entenda mal. O que estou a afirmar é que temos severos exemplo de ação dos revoltosos no sentido de enganar as forças de repressão do Estado¹⁴. O poste de energia que foi deitado em uma carroça para simbolizar um canhão é um exemplo, mas possuímos outros: os pedaços de paus envolvidos em fio e em material metálico que simbolizavam bombas; as barricadas que estariam montadas no maior estilo militar, mas que não foram tão bem construídas assim. Existem outros exemplo, mas por ora observemos apenas esses.

Diante deste quadro, lanço a pergunta: será que Prata Preta não era mais um desses engodos? Infelizmente não há evidência disponível no momento para respondermos a essa questão, tudo que temos são indícios e em meu ponto de vista, inconclusivos. Podemos afirmar, a partir da leitura de Pereira, que existe um testemunho de um dos integrantes da Revolta da Vacina neste sentido. Este indivíduo, após ser questionado por policiais, afirmou que nunca existiu o tal do Prata Preta: “Perguntado pelos policiais sobre a participação de Prata Preta, José Antônio Vieira ‘declarou que nunca houve na Saúde quem tivesse esse vulgo’ em uma indicação da fantasia que cercara a prisão anterior de Horácio José da Silva.” (Pereira, 2002, p. 83-84).

¹² Aqui não podemos afirmar se o ambiente destruído que aparece na imagem representa a destruição dos dias de conflitos ou se se dá por conta da reforma urbana pela qual a cidade carioca passava.

¹³ A imagem mencionada também está presente no livro de Sevcenko e neste trabalho que aqui escrevo se localiza na página 12 deste artigo.

¹⁴ Ver *Barricadas da Saúde* de Leonardo Pereira, 2002, p. 82.

A verdade é que sabemos muito pouco sobre Horácio José da Silva, não penso ser seguro partirmos para a afirmação nem para a negação de sua existência, contudo mesmo que esse personagem não tenha existido teremos que lidar com uma figura legendária de um homem negro altamente perigoso que foi notícia por alguns dias durante os acontecimentos de novembro de 1904, e que aterrorizou parte da imprensa e do governo. Posto isto, após observarmos as próprias imagens/representações de Prata Preta que foram divulgadas pela imprensa da época notaremos que elas demonstram discrepâncias, ora Horácio é representado com barba e bigode e ora é representado imberbe.

Por outro lado não podemos asseverar que a ação dos revoltosos do bairro da Saúde foi apenas “teatro” ou engodo. Sabemos por exemplo que uma delegacia da Saúde foi atacada por 300 moradores do bairro. Após o incidente “150 praças de cavalaria e infantaria” foram enviados pelo governo para o bairro com a finalidade de reprimir a revolta naquele lugar (Pereira, 2002, p. 73-74). Outra questão que gostaria de levantar se trata da prisão de Prata Preta no dia 16 de novembro. Coincidência ou não, nesse mesmo dia, mais tarde, o bairro da Saúde seria invadido por forças combinadas a fim de acabar com a revolta na região. Aqui levanto a possibilidade de as forças policiais, ou, se pudermos generalizar, as forças de repressão do Estado, terem planejado a prisão de Horácio para que pudessem invadir o bairro da Saúde e acabar finalmente com o motim.

Segundo Leonardo Pereira, o bairro da Saúde reunia um número elevado de pessoas que praticaram religiões de matriz africana. Este pode ser um dado indicador de que aquela região era composta principalmente por indivíduos afrodescendentes. O autor aponta uma hipótese muito interessante e que vale a pena ser resumida aqui: os moradores do bairro da Saúde tinham bons motivos para se revoltarem contra a vacina obrigatória contra a varíola. Mas por qual motivo isto se dava? Leonardo Pereira argumenta que os praticantes dessas religiões afro-brasileiras tinham seus próprios rituais para lidarem com a varíola (Pereira, p. 101-104, 2002).

Esta hipótese do autor parece estar ancorada na obra de Sidney Chalhoub¹⁵, este último autor argumentou que muitos afrodescendentes possuíam, durante o período abordado aqui e na cidade carioca, rituais de cura onde se fazia presente a prática de variolização. Sendo assim, os praticantes dessas religiões e mais especificamente os devotos do culto a Omolu encontrariam diante de si uma escolha: ou vacinavam-se ou resistiam à vacina contra a

¹⁵ Chalhoub, Sidney. Cidade Febril. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

variola. Ou seja, o governo, através da campanha de vacinação obrigatória, colocava essas populações em uma posição de conflito quase inevitável. Infelizmente não sabemos se Prata Preta era praticante de alguma dessas religiões afrodescendentes.

Mito ou não, personagem inventado ou não, o que aconteceu com Prata Preta após a Revolta da Vacina? Como o historiador José Murilo de Carvalho já demonstrou, em geral não se processava todas as pessoas que eram presas nessas revoltas populares durante o período. Acontecia, muitas vezes, de apenas os líderes serem processados. Contudo, mesmo Horácio da Silva sendo considerado pelos jornais cariocas um dos líderes da Revolta na Saúde não encontramos nem na historiografia nem nos periódicos do período menção a um processo seu ou que fim este personagem teve. O mais certo é que seu destino tenha sido o estado do Acre.

Assim como ocorreu na Revolta da Chibata (1910), após os conflitos ocorridos durante a Revolta da Vacina centenas de pessoas foram presas e desterradas no Acre. Segundo o historiador Francisco Bento da Silva, tanto os desterrados da Chibata quanto os da Revolta da Vacina eram compostos principalmente de negros e mestiços (Silva, 2010, p. 123-124). A partir deste dado fica claro que a recém inaugurada República brasileira tinha um projeto de exclusão de parcela daquela sociedade. Para defender este argumento gostaria de lembrar ao leitor que diversas atividades praticadas por descendentes de africanos eram consideradas crimes naquela época. Uma em particular chama a atenção: a capoeira. Francisco Bento da Silva escreveu:

No Código Criminal do Império, não havia qualquer menção aos atos de vadiagem, capoeiragem e mendicância, por exemplo. É apenas a República quem vai tornar essas práticas e comportamentos como crimes, instituindo punições e incluindo no primeiro código republicano essas novas categorias de criminosos com suas punições correlatas.” (Silva, 2010, p.58).

Por outro lado, é importante considerar como esses homens e mulheres negros viam a recém inaugurada república. Será que aprovavam o novo regime? Será que viam com bons olhos o fim da monarquia? Afinal, como sabemos foi durante a monarquia que se deu, pelo menos oficialmente, o fim da escravidão de homens e mulheres negros no Brasil. Baseando-nos no historiador Petrônio Domingues¹⁶ percebemos que, como geralmente acontece, não havia uma unanimidade desta população em relação ao novo regime na cidade carioca. Nas palavras do autor: “Se para alguns negros a Monarquia – especialmente sob o comando da princesa Isabel – era a única forma de governo que possibilitava a ‘reabilitação’ da ‘raça

¹⁶ Ver Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930). Revista Brasileira de História. V. 34, n. 67, p. 251-281. São Paulo. 2014.

estigmatizada pela escravidão’, para outros a melhor alternativa era a República.” (Domingues, 2014, p. 261).

Posto isto, o mais importante para este pesquisador que aqui escreve foi se utilizar desta figura, quase lendária, de Prata Preta para retratar como as ações governamentais se empenharam em deslocar parcela da sociedade, composta principalmente de homens e mulheres negros, para bem longe da capital federal. Ao que tudo indica essa exclusão se deu com o propósito de separar tudo aquilo que se via como indesejado e não civilizado. Prata Preta podia ser um homem, mito, ou um cidadão afrodescendente disposto a lutar contra as arbitrariedades de um governo que impôs à força a vacinação contra a varíola. Entendo esta forma de segregar centenas de cidadãos durante e após os acontecimentos de novembro de 1904 como uma forma de *fascismo do apartheid social*¹⁷. Sobre este conceito seu autor o assim define: “Trata-se da segregação social dos excluídos por meio de uma cartografia urbana dividida em zonas selvagens e zonas civilizadas.” (Santos, 2007, p. 80).

Mais uma vez devo ressaltar que o desterro também foi utilizado após os desdobramentos da Revolta da Chibata em 1910. O desterro, como vimos, era um mecanismo legal garantido pela constituição de 1891. A todas essas pessoas desterradas não foi dado nem sequer a chance de se defenderem, foi apenas mostrado um longo e difícil caminho até o Acre. A partir desses dados, podemos concluir que a cidade deveria se civilizar em muitos aspectos. Um dos mais evidentes se encontrou nas obras de infraestrutura, porto¹⁸ e avenidas.

Uma questão interessante e ao mesmo importante para os rumos desse artigo se trata do elemento cidadania durante a Primeira República. A partir de José Murilo de Carvalho fica claro que tanto os intelectuais republicanos quanto os observadores estrangeiros tinham ideias do que seria, ou deveria ser, um cidadão. Está claro também que esses segmentos sociais, os quais podemos considerar como a elite, não olhavam para a população brasileira e buscaram construir uma cidadania a partir dos valores, costumes, cultura, etc. do povo brasileiro, mas sim olharam para os cidadãos europeus, principalmente os parisienses a fim de importar aquele modelo de cidadão para a realidade brasileira (Carvalho, p. 69, 1987). Ou seja, não bastaria demolir uma cidade e reergue-la ao estilo de Paris, mas o cidadão que se desejava também deveria ser um inspirado naquela realidade europeia.

¹⁷ Ver Boaventura de Sousa Santos. Para Além do Pensamento Abissal. 2007. Novos Estudos.

¹⁸ Segundo Bruno Carvalho O porto da cidade do Rio de Janeiro era o terceiro maior do continente americano. Perdia apenas para os de Nova York e Buenos Aires. (Carvalho, 1987, p. 124).

Se o que acabei de pontuar no parágrafo anterior se sustenta, então Prata Preta não tinha muitas chances de ser considerado cidadão da República. A partir dos mesmos dados de Carvalho, sabemos que aproximadamente 20% da população carioca possuía o direito ao voto durante aquele período; mesmo que se excluísse o critério de renda, durante a República, ainda se cobrava a capacidade de ler e escrever, por esse e outros motivos 80% da população carioca não podia votar (Carvalho, p. 91, 1987).

Contudo, se pelos critérios do período Prata Preta não poderia ser reconhecido como cidadão pela República será que ele ao menos não poderia ser reconhecido pela Revolta da Vacina como cidadão? O que quero indicar com isto é o seguinte: mesmo que a cidadania formal fosse negada a Horácio José da Silva e a tanto outros homens e mulheres negros no alvorecer da Primeira República será que não era através da revolta que esses indivíduos mostravam para os dirigentes da República que eles também eram cidadãos? Podemos ir além: será que o ato de se revoltar não poderia indicar uma vontade de ser cidadão? Infelizmente não tenho como responder a essas perguntas, mas as deixo colocadas.

Intervenção Pedagógica

Tema da aula: Protagonismo negro no pós-abolição.

Turma: 8º ou 9º ano do ensino fundamental.

Objetivo geral: Discutir e refletir junto com os alunos as possibilidades do protagonismo negro no pós-abolição.

Objetivos específicos:

- Explicar o conceito de pós-abolição;
- Indagar os alunos sobre o que eles entendem como protagonismo negro;
- Possibilitar aos alunos que desenvolvam habilidades de pesquisa a partir de buscas na Biblioteca Nacional Digital¹⁹.

Conteúdos:

- Condições de vida e de luta da população negra no pós-abolição;
- Exposição do tratamento dado pelo Estado a essa população negra após a abolição da escravatura em 1888;
- Imigração europeia e o projeto de embranquecimento da sociedade brasileira;

¹⁹ <https://bndigital.bn.gov.br/>

- Conceito de “classes perigosas” presente na obra de Chalhoub²⁰;
 - Trajetórias negras: três protagonistas negros²¹ do contexto do pós-abolição.
- Não usar verbos nos conteúdos, apenas nos objetivos. Conteúdos são os assuntos discutidos numa aula.

Materiais: imagens e textos da Biblioteca Nacional Digital, cartolinas, canetas, lápis, tesouras, etc.

Etapas da atividade:

Em um primeiro momento, o professor realizará uma aula expositiva (30 minutos) onde trabalhará questões a respeito do fim da escravidão no Brasil²² (1888), racismo e protagonismo negro no pós-abolição. A proposta gira em torno de apresentar ao corpo de alunos alguns personagens negros que exerceram protagonismo durante o pós-abolição. A aula expositiva abordará três personagens: Prata Preta, Monteiro Lopes e João Cândido. A ideia de trabalhar com essas três figuras históricas tem a finalidade de apresentar aos alunos alguns protagonistas para que eles tenham um direcionamento na hora de pesquisarem por conta própria na Biblioteca Nacional Digital. Por outro lado, caso os estudantes encontrem outros personagens estes serão bem vindos²³.

Neste segundo momento (15 minutos), é importante que o professor peça aos alunos que acessem o site da Biblioteca Nacional Digital. O docente deve orientar os alunos no sentido que estes possam pesquisar imagens e escritos na referida biblioteca²⁴. Esse movimento é interessante e ao mesmo tempo importante pois possibilita ao aluno a experiência de pesquisar em uma biblioteca digital. Aproveitando a oportunidade, o professor também deve orientar os alunos para pesquisarem nos diversos periódicos imagens e escritos que eles identifiquem, a partir de suas interpretações e do que já foi exposto em aula expositiva, atos de protagonismo negro no pós-abolição. O professor deverá lembrar os

²⁰ Ver Chalhoub, Sidney. Cidade Febril. São Paulo: Companhia das letras, 1996, p. 23-33.

²¹ Prata Preta, Monteiro Lopes, João Cândido. As razões para a escolha desses três personagens se explicam muito mais pelas afinidades do historiador que aqui escreve do que por quaisquer outros motivos.

²² Refiro-me ao fim oficial/legal em 13 de maio de 1889.

²³ Fica disponível no anexo I deste artigo algumas imagens e sua referência.

²⁴ Aqui me refiro a instruções básicas de como os alunos devem proceder para conseguirem acessar os mecanismos do site da Biblioteca Nacional Digital, ou seja, refiro-me a instruções como o endereço do site, links utilizados para se chegar na parte da biblioteca onde poderão pesquisar, etc.

estudantes para que estes também pesquisem sobre o contexto do que será trazido para sala de aula²⁵.

Uma vez que os alunos tenham em mãos as imagens, textos e materiais a atividade poderá seguir para o terceiro momento (30 minutos): a atividade pedagógica girará em torno da noção, já mencionada, de protagonismo negro no pós-abolição. O professor deve pedir aos alunos que se dividam em grupos de quatro ou cinco alunos e que com os referidas materiais pesquisados realizem cartazes. A proposta de cada cartaz, ou seja, da atividade, girará em torno dos estudantes construir narrativas históricas a respeito das dificuldades e das possibilidades do protagonismo negro durante o pós-abolição; nesse momentos eles se utilizarão dos textos e das imagens pesquisadas na Biblioteca Nacional Digital. A atividade se preocupará tanto com a criatividade quanto com a precisão histórica.

Avaliação:

O quarto movimento gira ao redor da avaliação. Esta etapa se dará através da exposição dos conteúdos dos cartazes pelos alunos; cada grupo terá entre 2 e 3 minutos, pelo menos minutos para apresentar os cartazes para a turma e para o professor ou professora. Nesse momento o grupo deverá expor brevemente a trajetória do personagem escolhido para o cartaz assim como relacionar os conceitos de racismo e de classe perigosas na exposição da narrativa.

Considerações Finais

A existência ou inexistência física de Prata Preta não representou impedimento para a realização desta pesquisa. Mesmo que não tenha existido fisicamente, Prata Preta foi bem real para seus contemporâneos. Sua prisão foi retratada em vários jornais, representações suas, em formato de imagem, circularam por periódicos cariocas. Mais do que isso, Horácio da Silva foi um símbolo de resistência no bairro da Saúde. Foi chamado de “comandante”, “general”, “líder”, entre outros nomes, contudo, talvez o melhor nome que poderíamos usar para defini-lo seja mesmo o de cidadão.

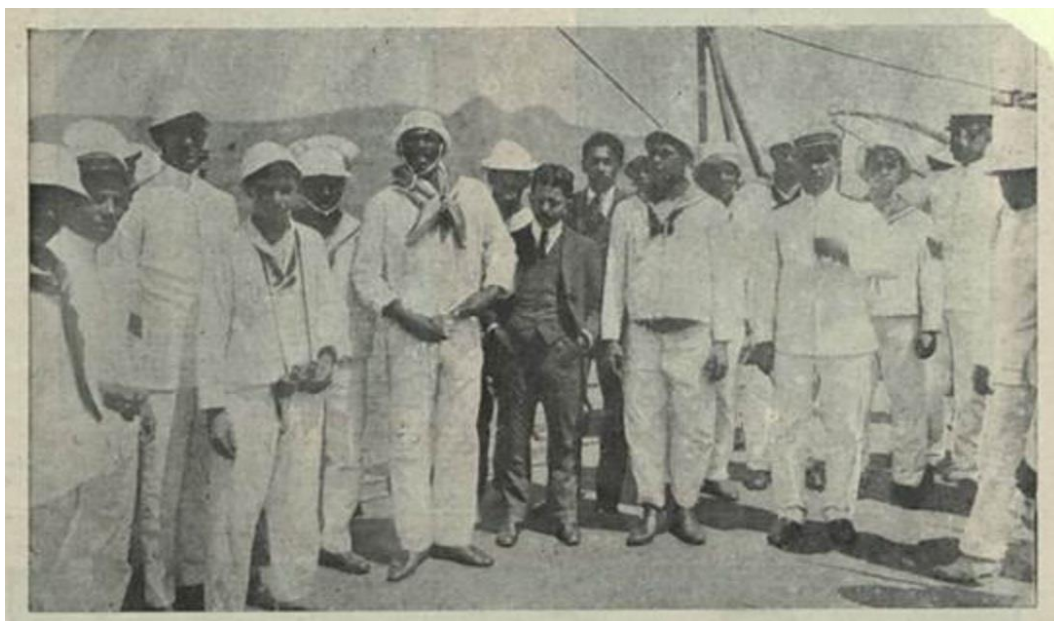
Prata Preta existiu ou não em um tempo onde as dificuldades para ser cidadão da recém inaugurada República eram muitas. As eleições eram com frequência fraudadas; uma parcela mínima da população brasileira podia votar; o preconceito de cor era grande, as pessoas negras com frequência eram vistas como classes perigosas; as casas e os corpos dessas populações eram facilmente violáveis pelo poder público. Diante destes elementos, que

²⁵ Isso ajudará na hora de criação de narrativas por parte dos alunos.

são apenas alguns no grande cenário que é o passado, encerro com a pergunta: será que tinha como não se revoltar?

Anexo I - imagens

Imagem 3 – João Cândido durante a Revolta da Chibata em 1910.



Fonte: jornal O Malho de 3 de dezembro de 1910.

Imagem 4 – Fotografia de João Cândido.



Fonte: jornal O Malho de 3 de dezembro de 1910.

Imagem 5 – Representação de Monteiro Lopes.



Fonte: jornal O Malho de 20 de março de 1909.

Imagem 6 – Monteiro Lopes em momento crucial antes de se tornar deputado federal



Fonte: jornal O Malho de 13 de março de 1909.

Referências Bibliográficas:

- ARANTES, Erika Bastos. **O Porto Negro: Cultura e Trabalho no Rio de Janeiro dos Primeiros anos do Séc. XX**. 2005. Dissertação de mestrado. Campinas.
- CARVALHO, Bruno. **Cidade Porosa: dois séculos de história cultural do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2019.
- CARVALHO, José Murilo. **Os Bestializados**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade Febril**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- DOMINGUES, Petrônio. **Cidadania por um fio: o associativismo negro no Rio de Janeiro (1888-1930)**. Revista Brasileira de História. V. 34, n. 67, p. 251-281. São Paulo. 2014.
- DOMINGUES, Petrônio. **“Vai ficar tudo preto”**: Monteiro Lopes e a cor na política. Novos Estudos. Edição 95- Volume 32- n. 1. 2013
- FERNANDES, Tania. **Vacina Antivariólica**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.
- MEIHY e BERTOLLI FILHO. **Revolta da Vacina**. São Paulo: Editora Ática, 2001.
- O Malho, Rio de Janeiro, ano 3, n. 115, p. 16, 26 novembro. 1904.
- O Rio Nu, Rio de Janeiro, ano 7, n. 666, p. 1, 23 novembro. 1904.
- PAMPLONA, Marco. **Revoltas, Repúblicas e Cidadania**. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- PEREIRA, Leonardo. **As Barricadas da Saúde**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Para Além do Pensamento Abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes**. Novos Estudos. N. 79, p. 71-94. Novembro de 2007.
- SEVCENKO, Nicolau. **A Revolta da Vacina**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.
- SILVA, Francisco Bento da. **Acre, a “Pátria dos Proscritos”**: Prisões e Desterros para As Regiões do Acre em 1904 e 1910. 2010. Tese de doutorado. Curitiba.
- REZNIK, Luis; MAGALHÃES, Marcelo (org.). **Livros Didáticos de História: entre políticas e narrativas**. Rio de Janeiro: FGV. 2017.
- ROCHA, Helenice. **A ditadura militar nas narrativas didáticas**. In: ROCHA, Helenice; REZNIK, Luis; MAGALHÃES, Marcelo (org.). **Livros Didáticos de História: entre políticas e narrativas**. Rio de Janeiro: FGV. 2017.